

Literatura íntima em “Abraçado ao meu rancor”, de João Antônio

João Paulo Bense

Resumo

Breve análise do conto “Abraçado ao meu rancor” (1986), de João Antônio, relacionando-os a alguns temas nacionais, como malandragem, marginalização e golpe militar, com enfoque na forma literária desenvolvida pelo autor, forma que na última fase do escritor acaba por ser subsumida pelas mesmas estruturas de poder que antes negava. A pesquisa procura demonstrar que o escritor procura manter-se à margem do “negócio” com textos na última fase que negam inclusive o próprio feito literário. A pesquisa partiu de uma seleção de contos distribuídos no mais ou menos curto período de produção original de João Antônio para associá-la a um desígnio de negatividade já tradicional nas vanguardas literárias, e mais especificamente ao exame de uma negação desenvolvido pelo filósofo Theodor W. Adorno. Até agora, a crítica que se debruçou sobre a produção de João Antônio reforça sua vocação de porta voz dos marginalizados e, não raro, inclui o escritor como parte desse objeto tratado. Esses trabalhos, porém, trataram de modo apenas preambular a estilização do texto que procura incorporar ao componente puro da linguagem dos pobres a prosa das gerações de 30 e 45 e, ao catálogo mais expressivo de termos recolhidos na rua, uma sintaxe de elaboração autoral, uma técnica que usa inclusive o ritmo da canção popular. Esta pesquisa partiu dos conceitos teóricos de negatividade para fechar em direção ao conto e ao seu escopo de análise, a partir de excertos fundamentais para uma interpretação original da obra. Tentou se deter na linguagem estilizada e procurou abrir espaço para se fazer notar a transformação dessa mesma linguagem em uma agora empobrecida de estilo, caso de “Abraçado ao meu rancor”, ao tempo em que essa mesma linguagem reproduz a pobreza absoluta dos pobres, miséria inclusive cultural, resultado de um progresso excludente promovido por uma classe dirigente que dele se beneficia e que, se a ele submeteu o país nos idos do Golpe de 64, ainda hoje o submete.

Palavras-chave

negatividade; intimidade; João Antônio

¹ Graduado em Letras pela FFLCH, mestrando em Literatura Brasileira pela mesma faculdade sob orientação do Prof. Dr. Augusto Massi. E-mail: joão.bense@usp.br.

“Literatura íntima” é denominação extraída do ensaio “Os olhos, a barca e o espelho”, escrito pelo Professor Antonio Candido, que consta no livro *A educação pela noite*. Nele, são analisados alguns trechos escritos por Lima Barreto em

Diário Íntimo – Memórias e no *Diário do hospício, o cemitério dos vivos*. Também se fala sobre seu empenho pessoal em associar a própria obra contra as categorias comprometidas do seu tempo, nomeadas como as “do bonito”, do “elegante”. Desse modo, a linguagem literária de Lima Barreto se notabilizou como a de polarização anti-tética à ordem literária estabelecida, porque “na medida em que [os padrões estéticos] eram oficializados, se situavam do lado dos que mandam”.²

Ao dar voz aos marginalizados dos subúrbios urbanos, João Antônio também se posiciona “contra os que mandam”. Mas se há, por um lado, similaridade na matéria literária de Lima Barreto e de João Antônio, na valorização e no cuidado no trato com os pobres, por outro lado há, na linguagem deste, uma combinação entre espontâneo e a estilização que “tira a palavra de sua função meramente comunicativa e a traz para dentro da literatura”.³

Em sua trajetória, escrevendo em momento bem mais desafogado em relação ao estabelecimento do texto literário⁴, João Antônio parte da oposição que o converge ao empenho de Lima Barreto, a quem considera “pioneiro” nas dedicatórias de suas obras, mas elabora uma linguagem de notável estilização, em que repetições, ritmo sincopado, gago, vertiginoso têm ganho de valorização estética.

Tome-se, por exemplo, a apresentação do malandro mais velho, Malagueta, do conto homônimo ao seu primeiro livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*. A pretexto de relacionar os tipos excluídos, e no intuito de reforçar a influência de Graciliano Ramos na literatura do autor – que a crítica trata de modo geral, ainda que não a tenha aferido

2 CANDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho”, in *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 6ª ed., 2011, p. 49.

3 CANDIDO, Antonio. “Na noite enxovalhada”, In: *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2ª ed., aumentada, 2010, p. 208.

4 *Id.*: “Embora produzindo numa era bem mais desafogada, João Antônio assume a mesma força de afirmação pela negação, inclusive negação das convenções estilísticas, pois não hesita em escrever de um modo que embora gramaticalmente correto, irritaria profundamente o lápis vermelho dos censores vernaculistas”, p. 207.

diretamente por meio da composição escrita – cabe citar o modo como se apresenta o personagem Ivo em *Angústia*: “Seu Ivo apareceu aqui em casa faminto, meio nu e meio bêbado, como sempre”⁵. Em seu conto, João Antônio lança mão de alguns recursos:

- a) “Capiango e meio *nu* (I), como *sempre* meio *bêbado* (II), *Malagueta* apareceu...(III)”.
- b) “Os dois iam à frente, quase correndo. O *velho Malagueta, capenga*, se arrastava na *retaguarda*, *tropicando* nas *calçadas*, *estalando* os *dedos* e *largando pragas*. *Tripudiava*”.⁶

Malagueta surge na prosa em ritmo fortemente acentuado – daí a sua originalidade – como num “samba de breque” da canção popular, se equilibrando na terceira sílaba da redondilha maior (a), metro mais popular, pisando em um “verso” agudo (I), um esdrúxulo (II) para, enfim, terminar num grave (III), para então, mais adiante, coxear distintamente entre as rimas toantes (b), reforçando o ziguezaguear da personagem.

O andar de Malagueta (a) é representado não só pela sua descrição, mas pela forma com a qual se narra. A imagem expressiva do coxear é construída pela alternância de sílabas fortes (ímpares) e fracas (pares), os próprios pés como unidade rítmica da frase. Assim como o anti-herói, também o período parece cambaleante, equilibrando-se em um só dos pés. A firmeza se constrói pela estabilidade de acento na terceira e sétima sílabas do período – *Capiango* (3^a) / *nu* (7^a) / *Como sempre* (3^a) / *bêbado* (7^a) / *Malagueta* (3^a) / *apareceu* (7^a) –, mas a instabilidade no andar, e da própria sina do malandro, se dá pela alternância de acento da proparoxítone (*bêbado*) entre duas oxítonas (*nu/apareceu*), como para imitar o andar do bêbado.

Dessa forma, o trato com o texto ultrapassa a mera catalogação de palavras do meio da malandragem. Do universal ao particular, há na linguagem de João Antônio um processo de estilização capaz de criar, a partir de uma língua geral, uma literatura original – ainda que haja notável equivalência deste com Seu Ivo, de Graciliano Ramos.

5 RAMOS, Graciliano. *Angústia*: posfácio de Silvano Santiago. 60^a ed. Rio, São Paulo: Record, 2004, p. 177.

6 ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*: contos. Coleção Vera Cruz (Literatura Brasileira), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 102. Grifo meu.

Mas à medida que linguagem e cultura popular são subsumidas pela convenção, elas têm, por isso, neutralizado seu efeito antitético. Em “Abraçado ao meu rancor”, ao menos, João Antônio parece partir para uma nova oposição, como se se debruçasse sobre o próprio fazer literário nos contos autobiográficos da última fase. Dessa vez, sua literatura volta-se contra si mesma – daí a relação com uma “dialética negativa” – de modo que o escritor faça um percurso que se encerra com a “confissão das mais vívidas emoções pessoais”⁷, a exemplo do cânone e inspiração declarada Graciliano Ramos, em *Infância* (1945), *Memórias do Cárcere* (1953, publicação póstuma) e ainda no “Autorretrato de Graciliano Ramos aos 56 anos”, que sai a convite do escritor e jornalista João Condé, em *A Manhã*, 19488.

Publicado em livro de contos homônimo de 1986, ainda que reelaborado⁹ a partir do artigo “São Paulo, nenhum retoque”, datado de dez anos antes¹⁰, “Abraçado ao meu rancor” tenta romper com aquilo a que o próprio João Antônio ajudou a construir e que se convencionou chamar, depois, “literatura marginal”. Sem que seja abandonado seu projeto literário, surgirá uma mudança de perspectiva do narrador, agora um Eu ensimesmado, autobiográfico. Ler o conto como literatura íntima faz surgir a confissão de fracasso de um projeto literário, confissão rancorosa que – excetuando-se passado e passantes, ideais marcados na fórmula convencionada pelo *ubi sunt?* – tem como alvo o momento contemporâneo, em que tanto a simples negação quanto assimilação teriam como resultado o sucesso e o ganho comercial, e não a arte literária.

O conto é narrado por um Eu escritor desenganado pela profissão, um jornalista que deve tocar uma matéria sobre o turismo de negócios paulista cuja intenção maior é vender a cidade através de *slogans* como “na noite de São Paulo você esquece que o dia

7 CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 3ª ed., 2006, p. 17.

8 CHAUVIN, Jean Pierre. “Graciliano Ramos sob o fio da palavra empenhada”. In www.revistas.usp.br/teresa/article/download/115431/113041, acessado em 17 de setembro de 2016.

9 Para esses cruzamentos, ver LACERDA, Rodrigo. “João Antônio: Uma biografia literária” (Tese [Doutorado em Letras], São Paulo: FFLCH-USP, 2006), pp. 394-427. Há casos, até mesmo, de contos republicados em outros livros, exemplo de “Um herói sem paradeiro – Vidão e agitos de Jacarandá” (1993), em que se somam dois textos inéditos a demais contos de “Dedo duro” (1982), e “Abraçado ao meu rancor” (1986).

10 _____. “São Paulo, nenhum retoque”, In: Módulo, Revista de Arquitetura, Urbanismo e Artes, RJ, n. 42, mar/ mai 1976.

vai nascer”, ou “em São Paulo você faz negócios da China”, entre muitos outros. Se fazer a idealização da São Paulo como a de mercado modelo é dado como objetivo ao protagonista, o conflito se dá quando o sujeito vê que a cidade real é outra, e é aí que se perde o chão. Não há a cidade ideal da propaganda, mas também não há a da memória, e o sujeito passa a vagar, então, em busca de uma cidade perdida. A partir daí, na questão que faz para si o sujeito de maneira recorrente – “Por onde andará Germano Matias?”, “Onde enfiaram os sambas de Germano Matias?” – ganha forma o *ubi sunt?*¹¹

Na voz narrativa de “Abraçado ao meu rancor”, a adoção reiterada e crescente da pergunta dá forma a uma ausência sentida pelo desaparecimento não só de uma cidade de São Paulo ou de uma figura do quilate de Germano Matias, como também de uma série de lugares e indivíduos reais. Voltar-se para si mesmo, ensimesmado, é a negação possível para existir como um Eu. Como diante de um confessor que junto a ele se fez acompanhar em toda sua vida – o “rancor” – João Antônio discorre sobre o próprio fazer literário com ironia pouco utilizada em sua obra:

Virou até moda, por exemplo, a proclamação de que se é um marginal da classe média. Ou merdeia. A segunda forma, num tempo em que o jogo de palavras e o uso da palavrada passaram a valer como sinal de talento, é mais elegante. Merdeia. Podendo grafar isso, então, é o fino do espírito (...).¹²

Se em outro tempo exprimira a humanidade dos excluídos, como em “Paulinho Perna Torta” e “Malagueta, Perus e Bacanaço”, é no vagão do trem da cidade, no contato com a miséria absoluta, com a gente “feito coisas”, “feito bichos”, que enfim ele parece “perder a linguagem” e “aprender a pobreza envergonhada da classe média”, roçando seu próprio rancor intimamente. “Abraçado ao meu rancor” tem traços autobiográficos bastante evidentes, mas o conto não se limita a estes, porque se insere também no *onde estão?*, motivo clássico da história literária.

11 *Ubi sunt?* corresponde à pergunta *onde estão?* Quem discorre sobre este motivo literário é ARRIGUCCI JR, Davi. “Festa interrompida”. In *Humildade, paixão e morte – a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

12 ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. Contos. Prefácio de Alfredo Bosi. RJ: Guanabara, 1986, p. 92. O termo “já transpôs o limiar da classe” é de BOSI, A.

E nem deixa de ser fiel ao empenho literário de negação de João Antônio: com linguagem pobre estilo, e de outra perspectiva de olhar – a de quem já transpôs o limiar da classe – o escritor continua mirando o passado de frente, e é de lá que irrompe o soco.

Referências bibliográficas

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço: contos*. Coleção Vera Cruz (Literatura Brasileira), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. *Abraçado ao meu rancor. Contos*. Prefácio de Alfredo Bosi. RJ: Guanabara, 1986.

ARRIGUCCI Jr, Davi. “Festa interrompida”. In *Humildade, paixão e morte – a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 3ª ed., 2006, p. 17.

_____. “Na noite enxovalhada”. In *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2ª ed., aumentada, 2010.

_____. “Os olhos, a barca e o espelho”. In *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 6ª ed., 2011.

CHAUVIN, Jean Pierre. *Graciliano Ramos sob o fio da palavra empenhada*. Disponível em www.revistas.usp.br/teresa/article/download/115431/113041. Acesso em 17 set. 2016.

LACERDA, Rodrigo. *João Antônio: uma biografia literária*. Tese de doutorado. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Orientação de Joaquim Alves de Aguiar. São Paulo: FFLCH-USP, 2006.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*: posfácio de Silviano Santiago. 60ª ed. Rio, São Paulo: Record, 2004, p. 177.